

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

CONVOCAMENTO FORMACI INOVACA
Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Oficina de memória e esquecimento: um diálogo sobre os (não) lembrados da história
Autores	VANDER GABRIEL CAMARGO RAFAEL FELDENS MAIZTEGUI ROGER CAMPIOL DE OLIVEIRA JOÃO VINÍCIUS CHIESA BACK CATIELE LIMA MORAES ANDRÉ MARCHI BECKER
Orientador	CLAUDIA BECHARA FRÖHLICH

RESUMO: Por que as escolhas editoriais dos livros de história sempre trazem o mesmo elenco de personalidades históricas? Quem são as pessoas lembradas e quais são as esquecidas? Baseando-se nessas perguntas trazidas pelo samba-enredo de 2019 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e em reflexões promovidas durante o curso de Graduação em História da UFRGS sobre a falta de diversidade na produção e no ensino do conhecimento histórico, acreditamos ser urgente e de extrema importância trazer as problemáticas de classe, gênero, raça e etnia para a sala de aula, dialogando com estudantes a respeito do processo da escrita da história/historiografia. Com a proposta da professora Claudia Bechara Fröhlich, na cadeira de Psicologia da Educação de realizar uma intervenção pedagógica em qualquer espaço de ensino e aprendizagem, este grupo acabou por realizar uma atividade denominada “Oficina de Memória e Esquecimento: um diálogo sobre os (não) lembrados da História” em uma turma de 9º ano da Escola Estadual Anne Frank, localizada no bairro Bom Fim na cidade de Porto Alegre. Após um conturbado período de tentativas de organizar uma atividade com diversas escolas, o grupo fez uma visita a uma aula de história da Escola Anne Frank no dia 3 de maio de 2019 na mesma turma que viríamos a realizar a atividade. Na visita observamos uma metodologia discrepante com a que propomos no trabalho, tanto na realização expositiva quanto no conteúdo proposto pelo professor estagiário. No dia 6 de junho, ao iniciar o período cedido pela escola para a realização da intervenção, o grupo foi introduzido aos estudantes pelo professor Milton de história, já expondo o tema que seria tratado na atividade. O professor deixou a sala, então iniciamos a condução da atividade pedindo aos estudantes para que nos organizássemos em círculo, não fileiras de duplas, como é organizada a sala de forma padrão da escola. Após um receio na reorganização da sala, as alunas e alunos propuseram fazer um círculo no chão e nós aceitamos o pedido, porém a maioria sentou nas cadeiras mesmo assim. Foi iniciado, após a reorganização da sala, um momento de apresentação que começou com nós, membros do grupo, e se estendeu ao redor do círculo, cada uma das pessoas falou seu nome e sua idade. Terminada as apresentações, foi feito um sorteio com uma garrafa girada no centro do círculo para incentivar a pessoa sorteada a citar uma personalidade histórica que se lembrasse no momento, ao passo que um dos componentes do grupo escrevia os nomes citados no quadro. Do sorteio resultou inclusive que alguns membro do grupo falassem também algumas personalidades. Nomes como " D. Pedro, Che Guevara e D. João VI " foram os que apareceram. Dando seguimento a atividade, os questionamos o porquê da maioria das pessoas citadas serem homens, começando assim a debater sobre a questão da escrita da história. Discutindo sobre como os "vencedores" - ou aqueles provindos das classes dominantes - ao terem o poder monopolizante da escrita, a fazem de maneira que somente a sua própria história seja contada, excluindo e negando sistematicamente a memória daqueles que não se parecem com eles. Trazendo esse questionamento mais próximo à nossa realidade, pensamos a História do Brasil e porque mesmo com uma população plural e diversificada, a maioria dos indivíduos que conhecemos a partir dos livros didáticos são brancos. Expressamos assim, o quanto as populações afrobrasileira e indígenas contribuíram para a formação da nossa sociedade e mesmo assim não aparecem nesses livros, ou se estão lá, são representados como coadjuvantes e não protagonistas. Por fim, passamos o material que fizemos com algumas personalidades diferentes daquelas que estão acostumadas a ouvir falar durante nossas aulas no colégio. Entre eles estavam; "Dragão do Mar" (Francisco José do Nascimento), homem pardo e nordestino, que organizou uma greve de jangadeiros para paralisar o comércio de negros escravizados; Rainha Ginga (Nzinga Mbandi), mulher negra e africana, rainha de Ndongo e Matamba (sudoeste da África), participante da resistência contra portugueses escravagistas no século XVII; e Sepé Tiaraju, homem guarani, lutou contra portugueses e espanhóis opondo-se à desocupação dos Sete Povos das Missões. A atividade, que foi respondida com interesse e entusiasmo pela turma, foi encerrada e, como devolutiva para escola foi colado um cartaz interativo com a pergunta “Quem faz/fez história?” e uma caneta para a comunidade escolar responder. Para fomentar o debate sobre ensino de história a partir de nossa experiência devemos nos questionar se mesmo em nossa proposta de apresentar histórias não contadas não acabamos também em reforçar uma perspectiva histórica demasiadamente focada nos indivíduos e pouco nos contextos e processos. Na apresentação deste trabalho, portanto, procuraremos entender a proposta de sala de aula dentro de seus dilemas e complexidades.